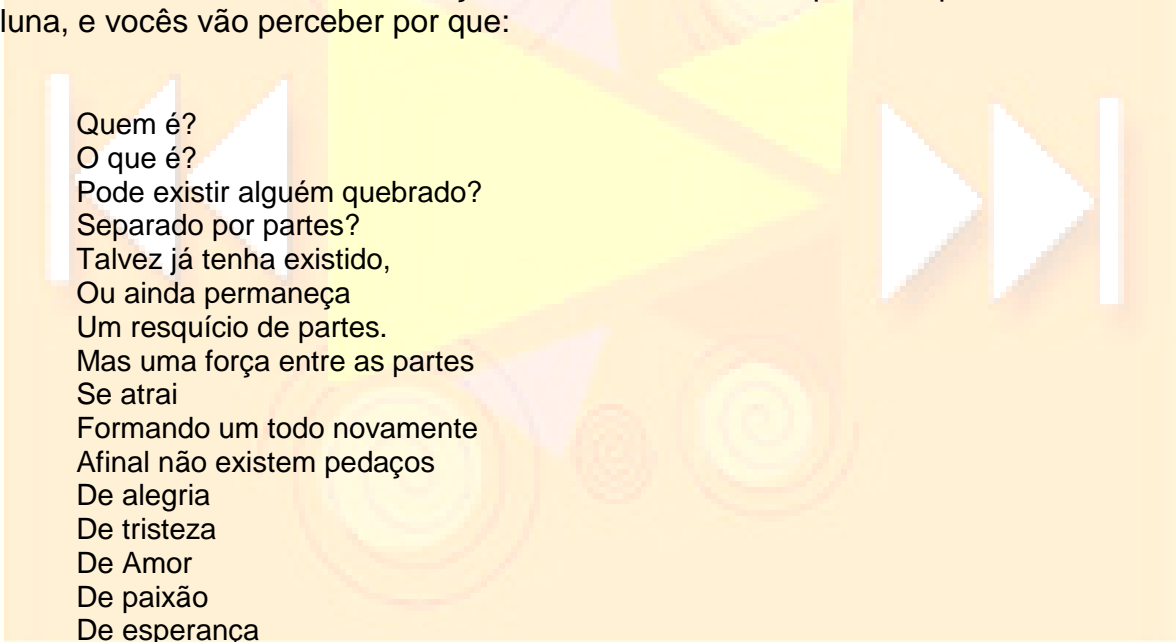


## “Pedagogia da Transgressão” (passados quinze anos...)<sup>1</sup>

Ruy Cezar do Espírito Santo<sup>2</sup>

Vou tentar desvelar aqui, inicialmente, com alguns depoimentos de alunos ocorridos durante estes quinze anos, as “transgressões” que sinto estarem, pelo menos, em Caminho...

Uma das transgressões que julgo fundamental para uma **Nova Educação** é a inclusão das Artes no contexto curricular das varias disciplinas , seja nos cursos elementares, seja nos universitários. Sempre busquei nesse meu currículo de “transgressor” trazer para a sala de aula poesias e desenhos de meus alunos, para que eles deixassem fluir suas emoções sempre prisioneiras das tradicionais “provas e notas” da “escola bancária”, como denunciado por Paulo Freire... Vou transcrever uma poesia escrita por uma aluna do Curso de Interdisciplinaridade que ministrei na PUCSP, na Faculdade de Educação. Deixarei revelado apenas o primeiro nome da aluna, e vocês vão perceber por que:



Quem é?  
O que é?  
Pode existir alguém quebrado?  
Separado por partes?  
Talvez já tenha existido,  
Ou ainda permaneça  
Um resquício de partes.  
Mas uma força entre as partes  
Se atrai  
Formando um todo novamente  
Afinal não existem pedaços  
De alegria  
De tristeza  
De Amor  
De paixão  
De esperança

Agora existe um todo de sentimentos vividos intensamente que posso denominar Adriana!

Esta poesia foi fruto de uma reflexão sobre a interdisciplinaridade em que a sensibilidade da aluna percebeu “interiormente” a ligação de suas “partes

<sup>1</sup>Introdução já publicada em nova edição do livro *Pedagogia da Transgressão*, pela Editora Ágora, do Grupo Summus.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998).É professor titular da Fundação Armando Alvares Penteado; professor de graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor na UNIMESP, no programa latu-sensu denominado "Docência do Ensino Superior". Contato: e-mail: ruycezar@terra.com.br

emocionais”... Ela completa sua reflexão com a seguinte expressão: “Sinto-me como se estivesse **nascendo de novo**”. (A.M.G. – 2002 - Pedagogia- PUC)

Outra poesia, esta oriunda também do Curso de Pedagogia, na disciplina de Didática:

Sou mulher lua  
 Meu brilho vem do sol  
 Aceitar minhas fases é meu desafio  
 Compreender e assumir meu lugar  
 Entre o Astro-Rei e as estrelas e luas: a Criação  
 Brilhar intensamente  
 Para marcar alegria, revelar...  
 Eis minha vocação!

A seguir transcrevo trecho do trabalho da mesma aluna de onde a poesia surgiu:

Tudo o que foi feito neste semestre me ensinou o quanto é importante estar constantemente aberta ao novo ao diferente. O quanto é gratificante acompanhar as transformações das pessoas e as minhas. E o quanto é fundamental manter-se numa contínua disponibilidade de mudar o que não está bom, de se rever e buscar novos caminhos. Isso é viver, é participar da dinâmica de morte e ressurreição, apropriar-se e desapropriar-se. Seus comentários irritaram-me, surpreenderam-me e me fizeram chorar. Por isso foram muito válidos! Se hoje reforcei a importância do olhar foi graças a eles. Inclusive consegui também olhar, como você tanto falou, o **meu sol** e a vencer o **medo** e mostrar o que sinto e penso **dele**. (C.M.S. – Pedag. PUC 99)

Uma terceira poesia de uma aluna da mesma turma que a da transcrição anterior:

Quem sou eu?  
 Sou espaço! Sou amplitude! Sou realizadora!  
 Que alegria!  
 Sou capaz de ouvir a melodia de minha própria vida  
 Que flui, que nutre e é nutrida pelo Universo.  
 Sou o ouvir que busca o choro da criança;  
 O suspiro do amado;  
 As palavras do amigo  
 Dos que lutam para se expressarem.  
 Sou olhar que se regozija com o movimento da terra  
 Deixando para trás o sol  
 O grande “Rei” do sistema é deixado pela vontade da Terra mover-se!  
 Sou lágrimas de uma essência  
 Que às vezes flui para fora dos limites impostos pela forma...  
 Sou compaixão pelos momentos não vividos  
 Sou paixão pelas possibilidades de viver plenamente meus sentidos. (R.A.A. – Pedag. PUC 99)

Mudando um pouco o ângulo da “transgressão” vamos ver como uma aluna sentiu uma “transformação” em sua vida e a forma como a expressou:

Acho que o trabalho do semestre como um todo , estive constantemente me perguntando: você está vivendo plenamente? Você está encontrando a cada momento razões para estar vivendo apaixonadamente? Você pode como Fernando Pessoa diz em um de seus poemas: ouvir o passar do vento e só de ouvir o vento passar, acreditar que valeu à pena ter nascido? O seu poema Estar Plenamente Vivo me fez pensar no que significa para mim estar realmente vivo , e questionar se em muitas ocasiões eu não estava deixando a vida passar por mim...

Num outro trecho da reflexão esta aluna acrescenta: ...“É nesse ponto que vejo a grande ligação entre a Didática e o Autoconhecimento”... (P.P.Z. Pedag. PUCSP 99)

Trago agora um depoimento que deixa claras as “transgressões” vividas e seus “resultados” na formação do aluno. A disciplina foi ministrada também em 1999 e denominava-se “Processos Educacionais Diferenciados”:

Quando entrei na PUC e me deparei com a matéria “Processos...” tinha claro que seria uma disciplina, como as outras, cheia de textos, questões, pesquisas, provas etc. Foi difícil “aceitar” uma aluna em que toda a resposta era certa e tinha seu valor. Foi difícil aceitar que uma das únicas aulas em que o professor não fazia chamada era justamente a aula com menor índice de faltas. O que me incomodava e achava “ruim” foi justamente o que eu precisava para enxergar o meu interior. Descobri até que eu era uma **Barbie!**.... “Passei a amar meu curso porque nele houve uma mágica: consegui expressar e achar coisas (sentimentos) interiores nunca antes assumidos. Foi no questionamento na “intriga”, no não entender, no incômodo de não saber, onde você Ruy, queria chegar, que eu encontrei a resposta: você nos fez parar, respirar e refletir sobre a vida; você nos valorizou, acolheu e conseguiu fazer com que olhássemos em nossos próprios olhos, nossa própria alma (R.S. Pedag. PUCSP – 99).

Nessa mesma disciplina um outro depoimento que aborda a transformação ou transgressão do “tempo”:

Assim como todas as criaturas afundadas em suas rotinas, o tempo ainda é um dos dominantes em tudo que faço. Admiro a R. por ter conseguido se abster do uso dos ponteiros, que giram incansavelmente, noite e dia, nos tornando escravos de seu funcionamento. Talvez por isso não sou capaz de manter uma disciplina ao longo da vida; encontro-me numa constante corrida contra os minutos que escapam-me dos dedos”... “Acorde, olhe pra o céu, fale alto para que todos lhe ouçam, grite se for preciso, sorria para o homem enfezado, mesmo sem ser correspondido, escolha um dia para não se importar com os comentários alheios, aproveite para dar um abraço em quem você gosta e nunca teve coragem, elogie alguém, sem esperar que seja recíproco, cumprimente o motorista vizinho, quando o trânsito for intenso, tome

sorvete, enquanto todos reclamam do frio, vista aquela blusa fora de moda, e se alguém criticar, diga que o chique é ser autêntico “démodé” (sic), cante no corredor e surpreenda-se com a beleza de seu próprio eco, estacione o carro a cinco quadras de seu destino e contemple o caminho, mude o caminho e olhe o entorno, mantenha calma quando todos arrancarem os cabelos, leia a coluna de fofocas sem a culpa de um ato frívolo, tome suco ao cair da tarde, ligue para um amigo distante, não importa o motivo, apenas ligue, e diga que lembrou dele hoje, coma um doce, dois se quiser, deixe para amanhã os efeitos calóricos, desprenda-se das horas, oriente-se pela luz nas janelas, roube um beijo, sem pedir desculpas, ouça aquele vinil velho e riscado, resgate as memórias, emocione-se, volte ao presente, olhe para o céu novamente, observe as cores, as nuvens, suas formas e movimentos, ouça mais e fale menos, sente do lado esquerdo ao invés do usual direito, saboreie um “hot dog” no lugar do arroz com feijão, por um breve momento aposente o celular, esqueça os compromissos, mentalize um desejo, o céu mais uma vez, olhe, extasiante não é mesmo?! Pronto, mais um dia diferente de todos os outros (F.I. PUCSP – Pedagogia 2002)

Dentro da disciplina de Didática , que também lecionei, trago o seguinte depoimento:

O que mais pude desenvolver ao longo de nossas aulas foi a minha sensibilidade, que estava perdida, ou talvez não fizesse parte, para mim, da didática. Didática, vai muito além de modelos prontos e receitas...”... “No meu estágio pude ter contato e ver como tudo isto está perdido. Os professores tratam e agem com os alunos, como se todos fossem iguais, com os mesmos sentimentos e expectativas. Já vem com uma receita pronta (BA, BE, BI, BO, BU) e a passa para a lousa, para o aluno copiar e ela corrigir”... “Deve fazer parte da didática do professor a compreensão de que o aluno não é apenas um corpo, com um cérebro, mas um ser que possui também um espírito e que ele é individual. Quando o professor possui esta compreensão de que cada ser é único e aprende a respeitar essa individualidade, sua relação com o aluno fica mais próxima e o ensino e a aprendizagem mais prazerosos. (R.E.C. PUCSP – Pedag. 2001)

Como vimos até aqui, os alunos “acordam” para uma dimensão existencial, até então ignorada e que, como dizia Sócrates, é o princípio de toda a sabedoria, ou seja, o “conhece-te a ti mesmo”. De fato, enquanto o processo de ensino-aprendizagem não considerar o autoconhecimento como ponto fundamental para o “educar” do aluno, permaneceremos na já referida “escola bancária”, como denunciado por Freire. Na verdade, Paulo Freire chamava de conscientização, antes de alfabetizar, o desenvolvimento dessa consciência de si mesmo e daquilo que ele denominava de “mundo vida”. Lamentavelmente as Escolas permanecem ainda distantes de tal vivência em suas propostas, salvo algumas exceções, como a **Pedagogia Waldorf**. Na verdade, são raras as práticas condizentes com a Pedagogia preconizada por Freire e hoje por Rubem Alves. Aliás, este último autor lançou recentemente um livro denominado “A Escola que Sempre Sonhei e Não Sabia que Existia” e que vai se referir a **Escola da Ponte**, em Portugal, que caminha no sentido de uma Educação conscientizadora. Claro, que existem tentativas a partir do construtivismo, por exemplo, que buscam também dar um passo adiante das escolas tradicionais. Procuro insistir com meus alunos na grande retomada do autoconhecimento feita por Jung, naquilo que ele denominava de processo de

individualização. Jung afirmava que tal processo se resolvia pela integração do ego com o self. O pensamento de Jung deixa claro, que a educação ainda vigente, na sua maior parte, permanece vinculada ao “ego”, desde o incentivo às competições pelas melhores notas, até a “separação” feita entre maus e bons alunos, num processo precário de julgamento. Aquilo que Jung denominava de integração do self implica numa volta profunda ao sentido da existência e à singularidade de cada criança. Tenho para mim, que a melhor metáfora para entender o “mistério” do *self* é o **amor**. Não há nessa minha observação qualquer sentido “religioso”, eis que, o trabalho de Jung deixa claro, que o *self* apontava para uma transcendência do ser humano, independentemente de qualquer crença religiosa. Para identificar tal transcendência é que utilizo a expressão do “amor”. Por quê? Como já deixei claro em outras obras que escrevi, como por exemplo, o “Autoconhecimento na Formação do Educador”, a humanidade após a explosão das bombas atômicas em 1945, vai passar exatamente por um processo de transformação, que Teilhard de Chardin, antes de Freire, chamava de “conscencialização”. Afirmava Chardin, em sua obra “Fenômeno Humano”, que o ser humano “após percorrer longamente o caminho da análise chegava à luminosa síntese”... Esta transformação profunda existencial vai coincidir com o trabalho já mencionado de Jung e na seqüência com aquilo que Paulo Freire buscou trazer para a Educação. Voltando a questão do “amor”, podemos observar que após o ano de 1945, acima mencionado, é que vão surgir pela primeira vez em nossa História as Organizações Não Governamentais, como “Médicos Sem Fronteiras” ou “Anistia Internacional”, dentre outras. Ora, é exatamente uma “nova consciência”, que implica na integração do self, que vai dar origem a tais ONGS... É também nesse mesmo momento que o Ser Humano “desperta” para “cuidar do planeta”, com a consciência ecológica... Assim o “self” tem a conotação de “acordar” o ser humano para uma ação compassiva, que vai implicar em cuidar do Outro e do Planeta... Claro que é uma metáfora, por sinal utilizada pelas Tradições, para indicar também a transcendência do Ser Humano. Sim, no cristianismo vamos encontrar a conhecida expressão de que “Deus é Amor e o Ser Humano Sua Imagem e Semelhança”. Claro que tal afirmativa oriunda das Tradições nem sempre vai estar presente nas religiões, especialmente antes de 1945, quando a humanidade vivia ainda o que denomino de **adolescência da humanidade**. Entendo que nossa **maturidade** terá início, exatamente, depois que o adolescente humano percebeu que podia destruir o planeta com as bombas atômicas. Curiosamente no mesmo ano de 1945, sincronisticamente, como diria Jung, vão surgir no Egito, escondidos dentro de uma gruta, documentos de dois mil anos atrás, conhecidos como de Nag Hamadi, que foi onde eles foram descobertos, e que apontam, exatamente, para uma nova fase da vida humana, ou seja, a idade do saber, que vai coincidir com a referência que fiz a Sócrates que afirmava que o “conhece-te a ti mesmo é o início de toda a sabedoria”... Vejam que de forma ilustrativa o trabalho de uma aluna de Pedagogia vai voltar-se, exatamente, para tal ponto:

Acredito ser esta palavra a síntese do meu caminho de aprofundamento na sua disciplina: COMPAIXÃO (sic). Esta palavra para mim possui um sabor novo, o de comunhão. Realmente todos nós possuímos uma mesma essência, que nos leva a nos acolhermos como diferentes. Eu agora digo não a um relacionamento de suportar um ao outro. Eu parto agora com o desejo de conhecer a mim mesma partindo do outro, que é a **visão de nós mesmos**. É o amor, como você sempre nos

repetiu o fundamento e o motivo do nosso viver que nos faz sempre livres, saboreando o gosto de viver. (R.B.X. Pedag. PUCSP 2002)

Essa observação da aluna a respeito do “nos fazer sempre livres”, está ainda uma vez, vinculada à metáfora de que nosso “self” é metaforicamente “amor”... Sim observem que um pai pode exigir do filho obediência ou respeito, porém “amor” é impossível... Sim, o amor será sempre fruto de um querer absolutamente **livre**. Ora, se o amor é a metáfora para “explicar” a natureza de nosso “self” fica evidente a indicação do “mistério” da **liberdade**, como parte de nossa essência.

Tal “mistério” de nossa liberdade está profundamente vinculado à questão do autoconhecimento. Na verdade, nenhum educador poderá “obrigar” um aluno a se “autoconhecer”. O que se pode fazer, e é o que tento em meu trabalho é “provocar” o educando a caminhar em tal direção... Se fosse algo “simples”, o “anúncio” de Sócrates, já aqui mencionado, de que o conhece-te a ti mesmo é o princípio de toda a sabedoria, já teria levado parte grande da humanidade a seguir em tal direção... Ocorre que, efetivamente, o autoconhecimento é um ato de liberdade e, portanto, de **amor por si mesmo** em primeiro lugar. É por tal razão que somente após o referido final da “adolescência” em 1945 foi possível o início do processo de conscientização, que abriu as portas para o conhecer-se a si mesmo. É importante frisar que estamos ainda no início de tal Caminho, até porque, como implica num livre “querer”, impossível, como disse acima “forçar” alguém nessa direção. Cabe aqui uma curiosa reflexão que diz respeito ao fato de todos os seres vivos “conhecidos” nascerem “prontos” e somente o ser humano precisar ser “educado”, lembrando, que “educar” vem do latim “educere”, que significa “tirar de dentro”... Tal reflexão nos leva a uma indagação fundamental a respeito da transcendência do ser humano: **como criar já pronto um ser cuja essência é a liberdade?** Tal reflexão nos conduz a perceber o sentido de toda a trajetória da humanidade, passando pelo “olho por olho, dente por dente”, até chegar, em torno do ano zero, com a proclamação do “amor pelo inimigo” ou do autoconhecimento trazido por Sócrates. Tais “anúncios”, dentre outros nessa direção, em torno do ano zero dão início àquilo que chamei de adolescência do ser humano, que vai culminar em 1945 quando tal adolescente percebe que pode destruir o planeta com a bomba atômica... Ocorre que tal percurso de sofrimentos e guerras resulta dessa origem de um Ser portador de um “livre arbítrio”, que pode conduzi-lo a “criar ou destruir” e assim por diante... Ainda uma vez é Jung que vai apontar para a importância do “encontro dos opostos” como Caminho para a individuação, que como já mencionei, refere-se a uma retomada do autoconhecimento, já numa direção da maturidade do ser humano, que começou a “tirar de dentro” o sentido profundo da existência. Tudo isso para dizer que a Pedagogia da Transgressão nasceu dessa minha busca de significado para a Vida e da importância da conscientização referida por Freire, dentre outros.

Nesse sentido, e para expressar minhas observações, trago trecho de dois outros trabalhos de minhas alunas do curso de Pedagogia. E este depoimento diz respeito a um exercício que proponho de buscar olhar os próprios olhos no espelho:

Ruy, em primeiro lugar quero lhe confessar que venho tentando fazer essa experiência há muitos anos. Só que nunca consegui me olhar mais que um minuto. E agora me deparava com um exercício que tinha que fazer, não poderia mais fugir.

Demorei uma semana para conseguir, foi muito difícil. Sentia medo, quando percebia que alguma coisa estava mudando dentro de mim. Então parava de olhar. Na sexta – feira sua aula mexeu muito comigo e pensei: vai ser hoje. Cheguei em casa a meia-noite, tomei banho, jantei e quando percebi que só eu estava acordada resolvi fazer o exercício do espelho. Primeiro voltei a sentir aquele medo como de costume, mas fui forte e não parei de me olhar. Depois fui superando o medo e cada vez mais me buscando de dentro de meus olhos. Ruy... Algo extraordinário aconteceu! Eu pude ver minha alma. Senti uma emoção que jamais conseguirei lhe explicar em palavras. Chorei muito, sorri muito, o melhor de tudo: pela primeira vez eu me amei muito! Sim pode acreditar em 26 anos de vida era a primeira vez que me amava de verdade. Sempre me achei feia, sem graça e inferior às outras pessoas. Acho que deve ser por isso que me tornei uma pessoa muito carente. Pensei tudo isso a meu respeito por longos anos e de repente uma pessoa maravilhosa me aparece e o mais curioso é que “ela” sempre esteve ali e eu nunca percebi... Como pude demorar 26 anos para me amar e dizer isso com todas as letras, olhando para os meus próprios olhos?! Sempre vivi como se fosse incompleta, parecia que me faltava alguma coisa. Agora não me falta nada., sou completa e feliz. Cheguei a conclusão de que ninguém tem o poder de nos fazer felizes a não ser nós mesmos. (E.A.A. PUCSP- Pedagogia 2002)

É impossível voltar ao tempo passado para que possa resgatar algo perdido. O que vale realmente é a consciência adquirida do que se perdeu e a criação de uma disposição para mudar, ou seja, fazer com que minha auto-compreensão acorde, para que a luz da consciência brilhe em mim. Dessa maneira, naturalmente eu resgato o sentido de mim mesma, pois novos domínios de compreensão, como a investigação, as observações e o olhar se fazem presentes; por isso é fundamental escrever, para que eu registre meu pensamento e reescreva quando necessário a respeito de minhas novas experiências”...” Pessoalmente o que foi mais importante, sem dúvida, são os questionamentos que faço sobre mim mesma; os caminhos que estou escolhendo; se são suficientes para que eu atinja meus objetivos; em que posso melhorar; se estou lidando bem comigo e com as pessoas a minha volta... (Pedagogia PUCSP – 2003)

Tais depoimentos deixam claro o que acima aduzi. O exercício de olhar os próprios olhos no espelho venho realizando com meus alunos com resultados sempre muito significativos, como já fiz constar de outros livros que escrevi, especialmente o “Renascimento do Sagrado na Educação”. Antes de concluir esta reflexão que busca dar significado ao percurso “transgressor”, que venho fazendo na educação, quero dizer de um paralelo importante com a Tradição cristã naquilo que o Evangelho de João consigna que a “Luz verdadeira brilha em cada homem que vem a este mundo”. Em outras palavras, cada um de nós poderá “iluminar” ou “educar” à sua volta com a Luz que trazemos do “mais dentro”. É preciso **saber** da existência dessa Luz e **querer iluminar...** No fundo é semelhante à metáfora do **amor...** Ainda uma vez a questão da liberdade. A conclusão final desse percurso realizado, até este momento é que o grande obstáculo do ser humano não é nenhum “mal” ou “erro”, mas a ignorância de si mesmo. É então que vamos perceber a importância da última frase de Jesus Cristo, quando afirma no momento em que estava sendo crucificado e referindo-se a seus executores: **Pai perdoai porque eles não sabem o que fazem...**

Para finalizar transcrevo dois últimos depoimentos para ilustrar as reflexões feitas:

O mais importante para mim, foi conhecer uma pouco da C... (o nome da aluna) Andávamos tão distantes, e embora estejamos sempre tão juntas não a via, não a ouvia, não a sentia a muito tempo; foi um encontro muito significativo, que mudará as duas daqui para a frente. Levamos um objeto significativo para nós, e se hoje a pergunta se repetisse – Qual o objeto mais significativo para você? – Por quê? – Minha resposta seria outra, com certeza o desenho da **Ferida Aberta** e do encontro com o Graal. Nada jamais me tocou em tal profundidade, pois aquele desenho sou eu, explica minhas atitudes, virtudes, sentimentos... Foi a maior expressão que já fiz, expressei minha alma sem saber, fazendo um desenho pensando mais no Rei do que em mim, e o Ruy, com sua sabedoria, relatou o que viu naquele desenho, e neste momento senti arrepios, meu coração bateu mais forte e eu me encontrei por inteira. Senti vontade de chorar, não nego, mas também senti alegria, pois foi a primeira vez que uma pessoa falou das minhas atitudes sem crítica, e sim como uma razão, um sentido. Assim, como eu sempre digo, as pessoas têm atitudes que condizem com sentimentos, com um motivo, por isso nunca julgue, pois você nunca esteve em seu coração para sentir-lhe. Por mais que eu gostasse dos demais trabalhos, sei que aprendi com todos, esse foi o melhor, o auge. É difícil uma pessoa sozinha, sem, esse respaldo que as aulas nos deram, conseguir esse nível de percepção de si mesma; percebo que este é um processo, que no início foi difícil, tanto de me **abrir** quanto de me **descobrir**, mas hoje vejo tudo diferente e claro (C.R.S.- PUCSP – Pedagogia 2003).

A referência que a aluna faz ao Graal e ao desenho feito diz respeito a uma aula desenvolvida sobre o mito do Graal que traz a metáfora da ferida do Rei Pescador Ferido que somente seria curada com a presença do Graal. Na seqüência dessa aula pedi que além de uma reflexão escrita as alunas fizessem um desenho da “ferida” do Rei e foi nessa imagem que aluna se sentiu tocada, como descrito. Aliás, insisto que uma das transgressões indispensáveis é a inclusão da Arte, especialmente do desenho como forma de expressão dos alunos a partir de um conteúdo trabalhado. Por último, desta vez, trago um depoimento rico e que vai expressar o cerne das transgressões trabalhadas:

Novamente dirijo-lhe a palavra (com muita alegria) e hoje digo que tudo é **conexão**, aliás, essa palavra se tornou muito significativa para mim. É necessário conhecermos a nós mesmos, para agirmos na Educação com o Outro, o que geralmente não ocorre. Para muitos professores, os alunos são somente cérebros que devem receber informações, esquecendo-se que existe o aluno que sente, percebe, tem Luz e pode refletir essa Luz para o mundo. Não consigo perceber a Filosofia desprendida do autoconhecimento. E novamente conexão! Tudo é conexão!!! Como é belo perceber essa imensidão!!! Essa amplitude, a dimensão!!! Novamente tudo é importante, porque aprendi a arte de viver a vida... REALMENTE! (sic) É desfrutar cada coisa, assim como enxergar uma flor no meio do trânsito; enxergar o movimento dos carros como uma dança; enxergar a beleza do olhar no Outro num ato de olhar sincero, um olhar com carinho. Não somente na Educação... A vida deve ser assim, vivida PLENAMENTE !!! (sic) (E.A.C. PUCSP- Pedagogia 2002).



## ESTAR PLENAMENTE VIVO

Transformar  
Perceber as mutações contínuas  
Na História  
No interior das pessoas

A sabedoria maior  
É sentir suas próprias transformações  
A precariedade das “verdades oficiais”  
E das “nossas próprias verdades”...

Estar pronto para mudar  
Para ouvir cada um  
Para buscar a centelha de Luz  
Onde Ela estiver...

Não se fazer vítima  
Dos poderosos  
Do “sistema”  
Da própria História...

Aprender a perceber o fundamental  
O fio dos acontecimentos  
Sua continuidade no tempo  
A imensa e bela trama que vai se desenhando

Cumprir sua parte  
Assumindo sua mudança  
O “hoje” não é o “ontem” e não será o “amanhã”  
Mergulhar fundo no momento presente, que tudo contém  
(será sempre “agora”)

Não se apossar do que passa  
A Vida tem que fluir  
Com tudo que é vivo  
Não podemos detê-la, nem nos deter...

Participar de tudo  
Nada tendo  
Ser parte da música maior  
Sabendo que ninguém se apossa das notas musicais

Saber que a História real  
É distinta das “estórias oficiais”  
Que a vida pessoal  
Tem seu espaço na verdadeira História

Saber de tudo isso é estar plenamente vivo...  
É ter consciência do Ser

É ter certeza que o “fazer” não nos esgota  
Que não somos máquinas de produção

Viver a plenitude é permitir que tudo isso ocorra  
De forma apaixonada, encantada mesmo  
Com o sol que continua brilhando  
As flores que continuam nascendo

E até a noite que permanece com suas estrelas.

